

EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Etefania Cristina Pavarina, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Brasil,
<https://orcid.org/0000-0002-3626-5567>

Mariana Rodrigues Gomes de Mello, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Brasil,
<https://orcid.org/0000-0002-5925-8554>

Marcio Ferreira da Silva, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Brasil,
<https://orcid.org/0000-0002-4929-4009>

RESUMO

Esta pesquisa aborda a relação entre histórias em quadrinhos, epistemologias feministas e Ciência da Informação, com foco na organização do conhecimento e na produção de quadrinistas femininas. As histórias em quadrinhos são objetos informacionais que mesclam elementos visuais e verbais, transmitindo narrativas, simbolismos e temas culturais. A relação entre gênero, mulheres e ciência se estende às histórias em quadrinhos, onde se questiona o conhecimento objetivo e se valorizam perspectivas femininas. Quadrinhos podem fomentar representação diversificada e abordar questões sociais através de Epistemologias Feministas. Estas, no campo da Ciência da Informação, refletem sobre produção, organização e circulação de informações, desafiando vieses androcêntricos. Deste modo, o estudo propõe como objetivo geral a inter-relação entre histórias em quadrinhos e epistemologias feministas, no que tange à organização do conhecimento, destacando a produção de quadrinistas brasileiras. Metodologicamente se constitui de uma abordagem qualitativa, de cunho teórico e fundamentada na pesquisa bibliográfica. Nos resultados discute-se o reconhecimento recente das contribuições de mulheres cartunistas e artistas de quadrinhos, apesar de muitas produções ocidentais reforçarem estereótipos masculinos, refletindo hierarquias de gênero. A representação masculina e feminina nos quadrinhos espelha construções históricas de identidade e valores. Nesse sentido, as epistemologias feministas desafiam representações tradicionais e promovem mudanças sociais. Essa abordagem empodera vozes femininas, questionando estruturas hierárquicas. Conclui-se que o estudo contribui para uma compreensão mais profunda das representações de gênero nas histórias em quadrinhos, promovendo inclusão e diversidade. A perspectiva das epistemologias feministas oferece uma análise crítica da estrutura do conhecimento nas histórias em quadrinhos, problematizando representações de gênero e poder. Essa abordagem busca igualdade e diversidade, empoderando vozes femininas e enriquecendo a compreensão de diferentes formas de conhecimento e experiência.

Palavras-Chave: Epistemologias Feministas; Histórias em Quadrinhos; Ciência da Informação; Organização do Conhecimento; Quadrinistas Femininas.

EPISTEMOLOGÍAS FEMINISTAS Y CIENCIA DE LA INFORMACIÓN: UN ANÁLISIS DE LAS HISTORIETAS

RESUMEN

Esta investigación aborda la relación entre historietas, epistemologías feministas y Ciencia de la Información, con un enfoque en la organización del conocimiento y la producción de historietistas femininas. Las historietas son objetos informativos que fusionan elementos visuales y verbales, transmitiendo narrativas, simbolismos y temas culturales. La relación entre género, mujeres y ciencia

se extiende a las historietas, donde se cuestiona el conocimiento objetivo y se valoran las perspectivas femeninas. Las historietas pueden fomentar una representación diversa y abordar cuestiones sociales a través de Epistemologías Feministas. Estas, en el campo de la Ciencia de la Información, reflexionan sobre la producción, organización y circulación de información, desafiando los sesgos androcéntricos. De este modo, el estudio propone como objetivo general la interrelación entre historietas y epistemologías feministas, en lo que respecta a la organización del conocimiento, destacando la producción de historietistas brasileñas. Metodológicamente se compone de un enfoque cualitativo, de carácter teórico y fundamentado en la investigación bibliográfica. En los resultados se discute el reconocimiento reciente de las contribuciones de mujeres dibujantes y artistas de historietas, a pesar de que muchas producciones occidentales refuerzan estereotipos masculinos, reflejando jerarquías de género. La representación masculina y femenina en las historietas refleja construcciones históricas de identidad y valores. En este sentido, las epistemologías feministas desafían las representaciones tradicionales y promueven cambios sociales. Este enfoque empodera las voces femeninas, cuestionando estructuras jerárquicas. Se concluye que el estudio contribuye a una comprensión más profunda de las representaciones de género en las historietas, promoviendo la inclusión y la diversidad. La perspectiva de las epistemologías feministas ofrece un análisis crítico de la estructura del conocimiento en las historietas, problematizando las representaciones de género y poder. Este enfoque busca la igualdad y la diversidad, empoderando las voces femeninas y enriqueciendo la comprensión de diferentes formas de conocimiento y experiencia.

Palabras-Clave: Epistemologías Feministas; Historietas; Ciencia de la Información; Organización del Conocimiento; Autoras de Cómic.

FEMINIST EPISTEMOLOGIES AND INFORMATION SCIENCE: AN ANALYSIS OF COMIC BOOKS

ABSTRACT

This research addresses the relationship between comics, feminist epistemologies, and Information Science, with a focus on knowledge organization and the production of female comic artists. Comics are informational objects that blend visual and verbal elements, conveying narratives, symbolism, and cultural themes. The connection between gender, women, and science extends to comics, where objective knowledge is questioned, and female perspectives are valued. Comics can foster diverse representation and address social issues through Feminist Epistemologies. In the field of Information Science, these epistemologies reflect on the production, organization, and circulation of information, challenging androcentric biases. Thus, the study proposes as its general objective the interrelation between comics and feminist epistemologies, regarding knowledge organization, highlighting the production of Brazilian comic artists. Methodologically, it consists of a qualitative approach, of theoretical nature, and grounded in bibliographic research. The results discuss the recent recognition of contributions by female cartoonists and comic artists, despite many Western productions reinforcing male stereotypes, reflecting gender hierarchies. The male and female representation in comics mirrors historical constructions of identity and values. In this sense, feminist epistemologies challenge traditional representations and promote social changes. This approach empowers female voices, questioning hierarchical structures. It can be concluded that the study contributes to a deeper understanding of gender representations in comics, promoting inclusion and diversity. The perspective of feminist epistemologies offers a critical analysis of the knowledge structure in comics, problematizing gender, and power representations. This approach seeks equality and diversity, empowering female voices, and enriching the understanding of different forms of knowledge and experience.

Keywords: Feminist Epistemologies; Comics; Information Science; Knowledge Organization; Female Comic Artists.

1 INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos podem ser caracterizadas como objetos informacionais que combinam elementos visuais e textuais para transmitir narrativas e mensagens. Esses objetos contêm uma variedade de informações, como diálogos, descrições visuais, expressões faciais, sequências de eventos e enredos. Além disso, os quadrinhos podem apresentar simbolismos, metáforas e temas culturais, proporcionando um contexto rico e culturalmente significativo. Elas não se limitam apenas ao entretenimento e ao lazer, mas também são objetos de estudo em pesquisas científicas. Com a crescente popularização dos quadrinhos e sua inclusão em acervos de instituições de patrimônio cultural, eles se tornam objetos informacionais dignos de estudo no campo da Ciência da Informação, abrangendo áreas como aquisição, tratamento, recuperação, acesso, leitura e mediação. Vergueiro (2005) destaca a importância de os profissionais da informação se familiarizar com as características, elementos e aspectos que permeiam a linguagem dos quadrinhos, assim como a variedade de formatos e gêneros, a fim de realizar um trabalho adequado e atender às necessidades dos usuários.

A relação entre gênero, mulheres e ciência também se estende aos objetos informacionais, como no contexto das histórias em quadrinhos, nas quais são questionados os fundamentos do conhecimento objetivo e se

valorizam as experiências e perspectivas femininas como formas legítimas de conhecimento. As narrativas sequenciais visuais presentes nesse meio podem ser empregadas como ferramentas para fomentar a representação de diversas vozes femininas, desafiar estereótipos de gênero e abordar questões sociais relevantes, com base em abordagens fundamentadas nas Epistemologias Feministas.

A ciência da informação, como um campo de estudo e prática que se ocupa da aquisição, organização, tratamento e disseminação de informações, desempenha um papel significativo na promoção do acesso equitativo ao conhecimento. Nesse sentido, a pesquisa objetiva inter-relacionar os objetos informacionais histórias em quadrinhos com as epistemologias feministas, no que tange à organização do conhecimento, destacando a produção de quadrinistas brasileiras.

A pesquisa se justifica mediante a necessidade de investigar a convergência das epistemologias feministas, das histórias em quadrinhos e da ciência da informação. A compreensão e promoção de perspectivas feministas na ciência da informação têm o potencial de contribuir para uma análise crítica das práticas científicas e dos sistemas de produção e disseminação de informações, ao buscar identificar e desconstruir os vieses androcêntricos e sexistas presentes nesses processos.

2 EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O termo Epistemologia é repleto de significados. Abbagnano (2000) o compreende como sinônimo de Teoria do Conhecimento. Entretanto, em Japiassu e Marcondes (2006), a Epistemologia pode ser entendida como uma disciplina inerente a muitos domínios e que, portanto, tem várias Ciências enquanto objeto de investigação. Todavia, para Chauí (2000), a

Epistemologia tem uma amplitude conceitual que remete à visão crítica das Ciências tanto no que tange aos métodos quanto aos resultados.

Segundo Fox & Oslon (2012), no que se refere ao movimento feminista, foi na década de 1970 que ele se despontou nas discussões acadêmicas, principalmente em domínios que envolvem ética e política, objetivando a revisão

de metodologias e produções acadêmicas pela instituição de debates novos voltados às questões epistemológicas.

Na Ciência da Informação, o movimento decolonial e as epistemologias emancipatórias, como as epistemologias feministas, fornecem uma reflexão crítica sobre os modos de produção, classificação, organização, representação e circulação da informação e do conhecimento, reconhecendo a pluralidade de teorias, conceitos e narrativas antes marginalizados, como os conhecimentos produzidos pela comunidade LGBTQIA+, população negra e produção cultural feminista. Através das epistemologias, é possível investigar o papel do gênero nas diversas atividades epistemológicas, incluindo a Organização do Conhecimento.

Essa investigação abrange desde a análise de como o conhecimento é produzido e organizado dentro dos objetos informacionais até a representação dos conceitos desses objetos em sistemas de organização do conhecimento, visando facilitar a recuperação da informação pelos usuários. Em uma perspectiva mais aplicada, essa reflexão pode levar a uma necessidade de revisar os Sistemas de Organização do Conhecimento para desconstruir a propagação de enunciados e conceitos homogêneos e regulatórios e legitimar as temáticas e conhecimentos produzidos à margem da sociedade ou pelas minorias, expressas em comunidades discursivas, as quais são compreendidas, conforme delineado por Swales (1990), como agrupamentos de pessoas que se unem, almejando seus propósitos comunicativos por meio de gêneros.

Nessa perspectiva, as Epistemologias Feministas na Organização do Conhecimento tratam de questões relacionadas à produção da Ciência em um contexto permeado pelo hegemonismo masculino, patriarcal, racista e misógino. Para Fox & Oslon (2012), as Epistemologias Feministas são diversas e

abrangem questões sociais como raça e classe, exigindo diferentes abordagens. Não é possível, portanto, falarmos em uma única Epistemologia Feminista, como não é possível tratarmos de um único grupo de mulheres. As abordagens sociais defendem a noção de mulher em uma visão ampla que é permeada de múltiplas comunidades discursivas. Fox & Oslon (2012) argumentam que se deve estudá-las sob uma perspectiva social. As Epistemologias tradicionais focam nos conhecimentos e nos indivíduos, já as Epistemologias Sociais se centram na produção do conhecimento no seio dos diversos contextos das comunidades discursivas, que devem ser considerados. Vão além do conhecimento científico, vez que concebem o conhecimento humano como um coletivo múltiplo de vertentes e de realizações, incluindo Filosofia e Arte. Portanto, elas incluem os mais diferentes movimentos sociais, dentre eles, o movimento das quadrinistas em uma perspectiva crítica pode ser incluído como uma Epistemologia Feminista, e portanto, de natureza social, o qual se frutifica em comunidades discursivas.

Nesse contexto, as Epistemologias Feministas desempenham um papel importante na Organização do Conhecimento, pois ajudam a examinar a produção social do conhecimento, levando em consideração o papel do gênero. Isso visa estabelecer um caráter mais igualitário em relação à produção do conhecimento e sua organização, através de metodologias livres que minimizem o poder cognitivo de um determinado grupo em relação aos outros. A lógica dos Sistemas de Organização e Representação do Conhecimento, como classificações, taxonomias, tesouros e ontologias seguiu o padrão imposto pelo homem heterossexual, branco, de origem europeia ou do norte das Américas. A produção cultural e científica das outras comunidades, que representam a grande maioria, foi minimizada ou totalmente desconsiderada (Martínez-Ávila & Mello, 2022).

3 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS SOB PERSPECTIVAS FEMINISTAS

Quando analisam a trajetória e a ascensão das histórias em quadrinhos como meio de comunicação de massa, os historiadores e pesquisadores muitas vezes direcionam sua atenção quase que exclusivamente para as produções masculinas. Isso implica na perspectiva de que o meio é predominantemente construído por homens, os quais elaboram narrativas centradas em protagonistas e super-heróis masculinos (como Will Eisner, Jerry Siegel, Joe Shuster, Bob Kane, Stan Lee, Jack Kirby, Joe Simon, Jack Cole e Joe Kubert). Essa abordagem negligencia amplamente as diversas formas pelas quais as mulheres empenharam-se pela legitimidade nas páginas e estúdios das editoras. Apesar desse enfoque historicamente patriarcal e masculino, é fundamental destacar que as mulheres tiveram papéis cruciais nos primórdios das histórias em quadrinhos, conforme evidenciado por Brunet & Davis (2022).

No âmbito das primeiras empresas de quadrinhos, observa-se uma presença ativa das mulheres. A *Centaur Publications*, uma das pioneiras, foi fundada em 1938, o mesmo ano da estreia de Superman na revista *Action Comics* #1. Duas quadrinistas de seus criadores iniciais foram Claire S. Moe e June Tarpé Mills, que contribuíram com escrita e ilustração para a *Centaur* no período entre 1938 e 1940, participando na produção de séries como *Amazing Man Comics*, *Amazing Mystery Funnies*, *Funny Pages*, *Funny Picture Stories* e *Keen Detective Funnies* (Brunet & Davis, 2022).

De acordo com Chenault (2007), se houve um período considerado como a "era de ouro" para a produção feminina de quadrinhos, principalmente no contexto norte americano, esse momento ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse período, a representação das mulheres era notavelmente mais expressiva no âmbito das tiras de jornal sindicalizadas em comparação com o campo da arte de quadrinhos no final dos anos 1930. Para

a autora, essa tendência viria a sofrer alterações, com diversas empresas publicando reimpressões de histórias em quadrinhos ou trabalhos produzidos de forma anônima, a maioria dos quais foi concebida por mulheres. Essas quadrinistas, em sua maioria, voltaram-se para a criação de histórias protagonizadas por crianças pequenas, um tema popular na época. Além disso, outras mulheres também contribuíram para a indústria de quadrinhos no final dos anos 1930, incluindo figuras como Ruth Plumley Thompson, Merna Gamble e Ruth Leslie, que desempenharam funções de escrita e roteirização. Na década de 1940, as lojas americanas de quadrinhos emergiram como os principais empregadores de mulheres roteiristas e artistas (Chenault, 2007).

Nesse contexto temporal, segundo a análise de Inness (2004), emerge a criação de "Sheena, a Rainha das Selvas", a primeira personagem feminina de quadrinhos a protagonizar uma série própria. Esta foi desenvolvida por Will Eisner e Jerry Iger, sendo publicada inicialmente em 1937 na Grã-Bretanha e, subsequente, em 1938 nos Estados Unidos. Essa criação antecede a estreia da Mulher Maravilha, cuja primeira revista foi lançada em 1941, tendo como criador William Moulton Marston.

De acordo com Schodt (1983), um renomado especialista em quadrinhos nos Estados Unidos, houve uma série de publicações em quadrinhos destinadas ao público feminino nesse país, predominantemente criadas por homens. O autor enfatiza que nos anos 1940 e 1950, existiam quadrinhos direcionados a garotas como "*Flaming Love*", "*Romantic Thrill*" e "*Teenage Diary Secrets*". Essas publicações eram produzidas por autores masculinos e possuíam uma existência de curta duração. Schodt (1983) ainda aponta que os quadrinhos populares atualmente, como a "Mulher Maravilha", são uma extensão do fenômeno do

super-herói masculino, sendo que grande parte dos leitores é composta por garotos.

Assim, é notório que tanto a criação da primeira revista protagonizada por mulheres quanto a concepção da super-heroína mais famosa dos quadrinhos foram efetuadas por quadrinistas masculinos, o que reflete a visão masculina sobre as mulheres na sociedade. Isso se traduz na forma como essas personagens eram representadas, com características como seios proeminentes e cabelos longos e esvoaçantes. Isso marcou o início de uma era em que a hipersexualização supostamente denota a força das personagens femininas. Tal representação persiste em muitas das principais narrativas sequenciais de super-heróis até os dias atuais, caracterizada pela representação de mulheres seminuas com corpos idealizados. Em uma análise quantitativa e qualitativa das representações de mulheres nos quadrinhos de super-heróis convencionais (DC e Marvel), Cocca (2014) indica que apenas poucas edições de quadrinhos de super-heróis retratam mulheres sem objetificação sexual. Além disso, destaca-se que as personagens femininas compõem cerca de 25% das personagens e dos painéis em títulos com um elenco diversificado, porém chegam a representar quase metade das personagens e aparecem em cerca de dois terços dos painéis nos títulos liderados por mulheres. Tuberville (2016) expõe que esses números revelam uma expressiva carência de mulheres nas histórias em quadrinhos. Por isso, cada aparição de uma personagem feminina nos quadrinhos desempenha um papel crucial como representação para todas as mulheres.

No contexto brasileiro, um dos primeiros exemplos de quadrinhos criados por mulheres é representado pela tira intitulada "*Malakabeça, Fanika e Kabelluda*", que foi veiculada no jornal "O Homem do Povo" em 1931, tendo sido produzida por Patrícia Galvão, conhecida como "Pagu". Conforme Nogueira (2017), até essa época, as mulheres no Brasil haviam se destacado principalmente nas áreas

de charges e caricaturas, sendo notáveis casos como o de Nair de Teffé, duas décadas antes, e de Hilde Weber, contemporânea de Pagu. A influência da obra de Pagu no cenário brasileiro foi tão marcante, especialmente no movimento de abordar questões políticas e sociais em tiras, que resultou, em 2016, no lançamento do selo "Pagu Comics" pela plataforma de *streaming* Social Comics. Esse selo tem como propósito destacar a produção de quadrinistas femininas brasileiras (Nogueira, 2017).

Uma outra figura de destaque no cenário dos quadrinhos brasileiros foi Maria da Conceição de Souza Cahú, reconhecida como Cahú. Ela atuou como ilustradora, chargista, caricaturista e cartunista, contribuindo com suas criações, ilustrações, humor gráfico e quadrinhos nos principais veículos de comunicação da década de 1970. Notavelmente, suas contribuições foram veiculadas em jornais e revistas de renome desse período, com especial destaque para publicações feministas como "Brasil Mulher" e "Nós Mulheres" (Crescêncio, 2021a).

De acordo com Pires (2019), os periódicos feministas que estiveram em circulação durante a década de 1970/80 no Brasil se manifestaram como locais de destaque para a criação e disseminação de humor gráfico produzido por mulheres e dotado de uma natureza estritamente feminista. Durante esse período caracterizado pelo terror estatal e a supressão das liberdades de expressão, essas publicações, notadamente os quadrinhos, charges, cartuns e ilustrações que compunham seu conteúdo, se inseriram nos embates simbólicos que emergiram durante o regime da ditadura militar, servindo como uma tática de resistência e oposição. Simultaneamente, ao questionar os valores sociais, políticos e culturais preponderantes, essas manifestações reexaminaram as agendas políticas das facções de esquerda, produzindo um impacto significativo em seu seio ao introduzir temáticas relacionadas aos direitos das mulheres. Conforme observado por Pires

(2019), uma dimensão adicional de significância desses periódicos reside no fato de terem se estabelecido como espaços culturais com o intuito de edificar uma epistemologia feminista, a qual objetivou contemplar a reflexão e o debate não somente sobre os desafios sociais e políticos no contexto brasileiro, mas também sobre as concepções de "homem" e "mulher" e o modo como essas noções assumiram relevância na delimitação dos domínios ocupados no âmbito público e político. No âmbito desses artefatos culturais - os jornais feministas - o humor gráfico desempenhou um papel estratégico como dispositivo simbólico para projetar uma representação das mulheres e do entorno em que estavam inseridas, rivalizando com outras formas de representação a fim de disputar os espaços de influência preexistentes no panorama da cultura e da política. Dessa maneira, nos referidos periódicos, o humor gráfico emergiu como um gesto político, um meio selecionado pelas feministas para intervir no panorama cultural e, simultaneamente, para conferir uma nova significação aos seus papéis sociais, culturais e políticos.

Embora o interesse das mulheres pelo universo dos quadrinhos seja evidente, a produção feminina dentro desse campo foi notavelmente excluída das enciclopédias e genealogias que documentam a história dos quadrinhos no Brasil. Em comparação com a literatura norte-americana, é notório que há poucas obras no Brasil que se dedicam a resgatar e preservar a trajetória das quadrinistas femininas. Nesse contexto, Crescêncio (2018) destaca que quando coleções que abrangem artistas de quadrinhos como a de Goida e Kleinert (2011, p. 72) em

um dos raros verbetes que tratam de mulheres na Enciclopédia dos Quadrinhos, enfatizam que "Não é muito fácil encontrar mulheres quadrinistas [...]"¹, eles reforçam o silêncio das mulheres, fator que contribui para a noção de que mulheres nesse campo são escassas e difíceis de serem "encontradas". Isso desconsidera a realidade de que o silenciamento das mulheres nas histórias em quadrinhos é resultado de um complexo processo histórico, político e cultural.

Conforme abordado por Crescêncio (2018), o processo de silenciamento das quadrinistas femininas é discernível em duas vertentes distintas. Primeiramente, manifestase na negação de oportunidades às artistas mulheres para desenvolverem e verem suas habilidades reconhecidas no âmbito da arte, historicamente dominado por figuras masculinas. Em segundo plano, esse silenciamento perdura mesmo após a superação dos obstáculos iniciais, que incluem estereótipos de traços excessivamente femininos, humor circunscrito ao doméstico e narrativas focalizadas no âmbito privado. Mesmo quando as mulheres começam a contribuir com coletâneas sobre quadrinhos, humor gráfico e sátira na imprensa, muitas vezes suas realizações não são reconhecidas e perpetuadas nos registros históricos e acadêmicos. Em tais cenários, a presença feminina é frequentemente negligenciada ou praticamente ausente, conduzindo à conclusão de que o silenciamento observado não é uma manifestação originada pelas mulheres, mas sim uma característica intrínseca ao campo das histórias em quadrinhos enquanto espaço de investigação e disputa (Crescêncio, 2018).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo de abordagem qualitativa e natureza teórica, se caracteriza como uma pesquisa exploratória. O estudo toma como base os procedimentos da pesquisa bibliográfica, realizada nas bases de dados *Web Of Science*, *Scopus*, *BRAPCI* e *Google Scholar*,

sem delimitação temporal. Os termos de busca utilizados nos idiomas português, inglês e espanhol foram: ciência da informação, epistemologias feministas, teorias feministas, feminismo, histórias em quadrinhos, quadrinhos femininos, quadrinistas femininas,

quadrinistas feministas e mulheres cartunistas. Esses termos foram utilizados separadamente para fornecer uma visão geral sobre os temas abordados e em estratégias combinadas para levantar dados específicos que relacionam os

assuntos e que permitiram criar inferências. Evidencia-se que os trabalhos selecionados foram lidos integralmente, e não apenas os seus resumos e suas palavras-chave.

5 RESULTADOS

As epistemologias feministas podem ser compreendidas como análises críticas profundas em relação ao paradigma predominante de produção de conhecimento, seja no âmbito social ou científico. Particularmente, essas abordagens questionam vigorosamente as concepções arraigadas em torno do sujeito universal. Assim, é imperativo recorrer aos fundamentos oferecidos pelas epistemologias feministas a fim de explorar as mudanças em andamento e examinar a natureza excludente, ideológica, racista e sexista subjacente à criação de conhecimento dentro do contexto das histórias em quadrinhos.

As histórias em quadrinhos têm sido objeto de estudo em diversos campos do conhecimento, com uma crescente produção científica tanto no Brasil quanto no cenário internacional. Nesse contexto, pesquisadores e acadêmicos formam uma parte essencial das comunidades discursivas que compõem o escopo dos estudos de quadrinhos no âmbito científico (Pavarina, no prelo). No entanto, os pesquisadores não são a única comunidade discursiva relevante no universo das histórias em quadrinhos. Outro grupo de extrema importância são as quadrinistas femininas, que se congregam como uma comunidade discursiva distinta.

Essas quadrinistas femininas podem ser entendidas como comunidades discursivas conforme delineado pelo modelo proposto por Swales (1990) devido a possuir as seis características que viabilizam a identificação das comunidades:

1. **Objetivos Comuns:** Elas compartilham objetivos comuns, como a busca por aumentar a

visibilidade e a disseminação das obras produzidas por mulheres no campo dos quadrinhos. Além disso, há um compromisso em abordar a disparidade de gênero na produção de conhecimento através desse meio de comunicação de massa.

2. **Mecanismos de Intercomunicação:** As quadrinistas femininas estabelecem mecanismos formais e informais de intercomunicação entre seus membros. Isso ocorre por meio de reuniões, fóruns e eventos específicos voltados para a discussão e promoção das suas produções.
3. **Mecanismos participativos para troca de informações:** Mecanismos participativos, como blogs e páginas na internet, permitem a troca de informações e feedbacks dentro dessa comunidade. Essas plataformas servem como espaços para compartilhar ideias, experiências e colaborações.
4. **Linguagens e Gêneros Compartilhados:** As quadrinistas femininas criam e/ou adotam linguagens e gêneros característicos do meio, como charges, cartoons, tiras e *graphic novels*. Essas escolhas visam alcançar objetivos como a ampliação da visibilidade da produção feminina no campo das histórias em quadrinhos.
5. **Léxicos e Vocabulários Específicos:** Essa comunidade desenvolve

léxicos e vocabulários específicos que são empregados tanto nas histórias em quadrinhos quanto em suas atividades de divulgação. Essa linguagem compartilhada reforça a coesão e a identidade dentro da comunidade.

6. Membros com alto grau de experiência e expertise: A comunidade de quadrinistas femininas é composta por membros que possuem um elevado grau de expertise e experiência discursiva. Isso inclui quadrinistas reconhecidas e de grande impacto, cujas contribuições influenciam e moldam o campo das histórias em quadrinhos.

Dessa forma, as quadrinistas femininas não apenas enriquecem o panorama das histórias em quadrinhos, mas também constituem uma comunidade discursiva robusta que contribui significativamente para a discussão e transformação do campo, abordando questões de gênero e empoderamento por meio desse meio de expressão artística e comunicativa. Assim, embora a produção significativa de quadrinhos seja predominantemente influenciada por criadores masculinos, não se pode menosprezar o papel das quadrinistas mulheres. É crucial destacar, reviver e conferir visibilidade à contribuição das quadrinistas, dada a sua influência na história, na sociedade e nos meios de consumo e comunicação de massa.

A produção de conhecimento realizada pelas quadrinistas pode ser analisada a partir de duas perspectivas distintas. A primeira perspectiva abrange uma ampla variedade de temas, suportes e formatos utilizados na criação de histórias em quadrinhos. Nesse contexto mais amplo, não se observam diferenças significativas em termos de conteúdo, capacidade intelectual ou aceitação pelo público em comparação com a produção

masculina. A segunda perspectiva, que constitui o foco central deste estudo, concentra-se na produção de conhecimento voltada para a promoção da resistência e visibilidade das narrativas de quadrinhos de cunho feminino e feminista.

Nesse contexto específico, a produção se direciona a obras que buscam, por meio de charges, *cartoons*, tiras, *graphic novels* e outras formas de histórias em quadrinhos, abordar e refletir sobre questões de gênero. Essas criações têm como objetivo construir críticas contundentes e manifestar resistência à hegemonia masculina que historicamente dominou o campo das histórias em quadrinhos. O cerne dessas narrativas consiste em representar e explorar as experiências e desafios enfrentados pelas mulheres, enquanto também oferecem uma plataforma para questionamentos profundos sobre as dinâmicas de gênero na sociedade e as relações de poder que estas suscitam.

Portanto, essa perspectiva específica de produção e, posteriormente, de organização do conhecimento de quadrinhos femininos e feministas desempenha um papel crucial na ampliação das vozes femininas e na disseminação de mensagens que visam subverter as estruturas tradicionais de poder e promover uma conscientização mais ampla sobre as questões de gênero. Através da utilização de diferentes formatos e técnicas, essas histórias em quadrinhos oferecem um espaço para a expressão criativa e o engajamento político, ao mesmo tempo que desafiam e redefinem os padrões previamente estabelecidos no meio.

A história da arte feminista tem explorado recentemente o campo das mulheres cartunistas e artistas de quadrinhos, reconhecendo e valorizando suas contribuições frequentemente negligenciadas. Essa constatação foi obtida por meio da análise de uma edição especial dedicada aos quadrinhos feministas em um quadro internacional, publicada pelo *Feminist*

Encounters: A Journal of Critical Studies in Culture and Politics (Munt & Richards, 2020).

Em relação à produção e organização do conhecimento, em uma perspectiva ampla, verifica-se que grande parte das produções quadrinísticas ocidentais, especialmente após a década de 1950, quando os quadrinhos de super-heróis ganharam popularidade, seguem estereótipos da imagem masculina hipertrofiada. Essas narrativas são apresentadas sob uma perspectiva patriarcal, com o personagem masculino como protagonista, forte, poderoso, independente (Turberville, 2016). Esses quadrinhos representam um modelo padrão de práticas tradicionais de escrita de quadrinhos realizados por homens brancos e colonizadores, destinados a uma cultura de leitura e consumo massificada. Nesse contexto, as personagens femininas desempenham papéis secundários nas narrativas e são representadas como hipersexualizadas, delicadas, frágeis e indefesas, frequentemente necessitando serem resgatadas.

Com base em Pires (2019) depreende-se que a intenção não reside em impor uma definição forçada, de modo desfavorável, sobre o caráter feminista ou categorizar as personagens dentro de um espectro específico do feminismo, dada a profusão de abordagens dentro desse movimento. A empreitada de tal classificação parece contraproducente. No entanto, é factível compreender que, em determinadas histórias em quadrinhos, o conceito de feminilidade uniformizante, que se originou historicamente e que Foucault (2013) denominou como "corpos dóceis" em sua obra "Vigiar e Punir", é enfrentado e colocado em xeque por personagens cujos corpos não se conformam e que escapam ao paradigma estético contemporâneo voltado para mulheres. Isso evidencia uma forma de rebeldia potencial.

A diferença na representação masculina e feminina nos quadrinhos reflete um processo histórico de construção de identidade e valores de gênero, no qual a

mulher ocupa uma posição subordinada ao homem. Essa disparidade não se limita à representação das narrativas, mas também se reflete na (in)visibilidade das mulheres produtoras de quadrinhos. Esse fenômeno, como destacado por Crescêncio (2018) e Cosme (2021), pode ser compreendido como um processo de silenciamento e apagamento histórico das contribuições femininas no universo dos quadrinhos.

Esse silenciamento e apagamento têm consequências profundas, levando muitas quadrinistas a ocupar posições subalternas ou até mesmo permanecerem no anonimato. Isso resulta na percepção errônea de que existem poucas mulheres envolvidas na produção de quadrinhos. Como apontado por Cosme (2021), ignorar a presença nas ausências contribui para a perpetuação do "mito" de que existe apenas uma mulher quadrinista notável por década ou que há escassez de nomes femininos de destaque no campo das histórias em quadrinhos.

O registro e reconhecimento dos nomes das quadrinistas são fundamentais, pois eles contribuem para a construção de um contexto que desafia as narrativas historiográficas tradicionais, as quais, de maneira hegemônica, têm negligenciado o papel das mulheres e lhes negado o direito à sua presença no campo das histórias em quadrinhos. É importante destacar que essa situação não é exclusiva do meio dos quadrinhos, mas é um reflexo de uma tendência mais ampla de marginalização das mulheres em diversas áreas ao longo da história (Cosme, 2021).

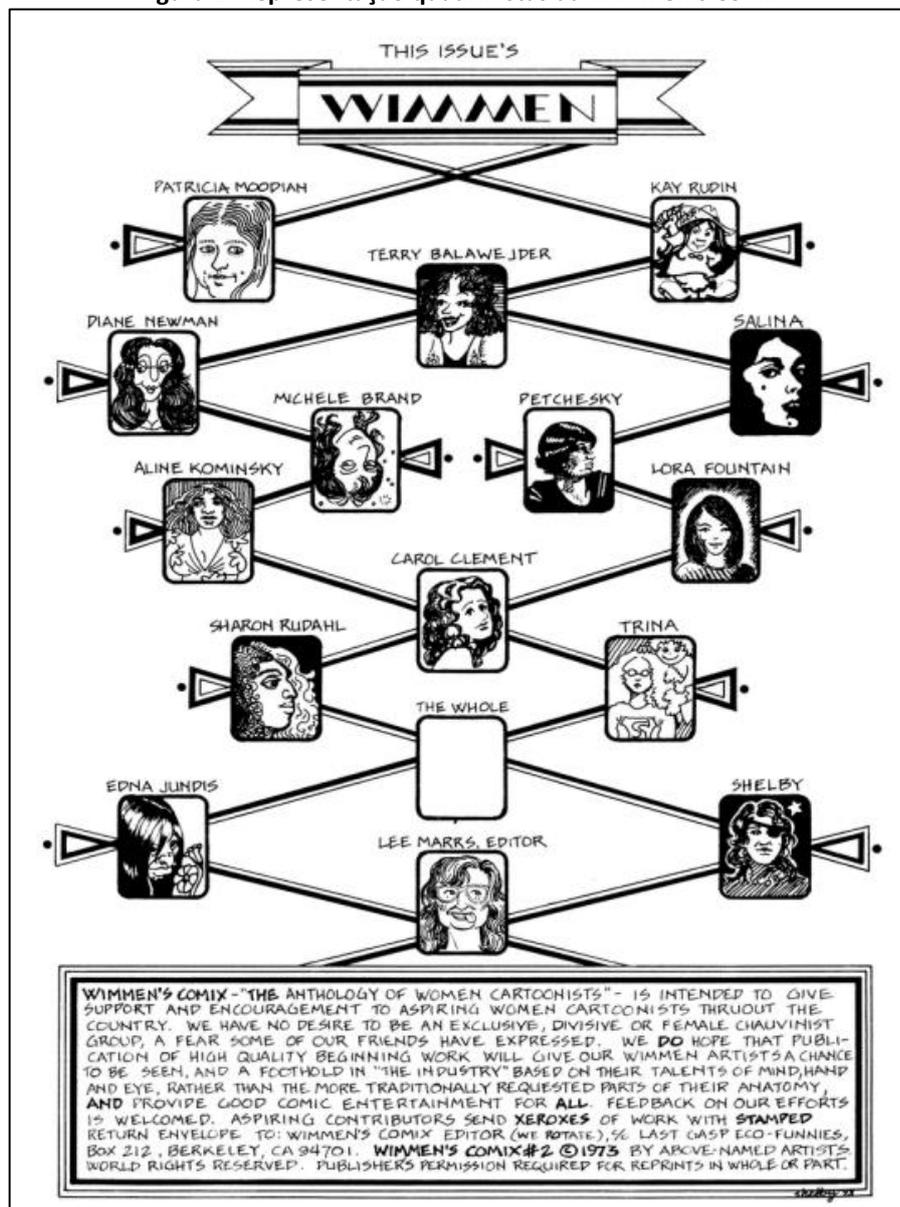
Nesse sentido, iniciativas como as produções inseridas no movimento underground, por exemplo, a antologia *Wimmen's Comix*, que contou com as contribuições de cerca de 100 mulheres em suas duas décadas de existência (1972-1992), desempenham um papel fundamental na transformação dos quadrinhos em instrumentos de mudança social (Galvan, 2020). Essas obras buscam romper com as

representações de gênero estabelecidas, democratizando as hierarquias de valores culturais e promovendo uma representação social antissexista, livre de estereótipos de gênero.

O *Wimmen's Comix* tinha como uma de suas preocupações fundamentais a divulgação da produção de quadrinhos femininos e, adicionalmente, a representação direta de seu próprio coletivo. Isso envolvia não apenas a criação de histórias em quadrinhos, mas

também a manifestação prática da política feminista. Nesse contexto, o coletivo buscava oferecer orientações sobre como conceituar a sua comunidade, estabelecendo assim uma rede interconectada por meio de suas contribuições. Como ilustrado na Figura 1, essa representação em forma de rede enfatizava a ausência de hierarquia entre as mulheres e, de maneira significativa, reservava um espaço em branco na rede que simbolizava "o todo", ou seja, o espaço compartilhado para a tomada de decisões coletivas (Galvan, 2020).

Figura 1: Representação quadrinistas da *Wimmen's Comix*



Fonte: Galvan (2020).

No Brasil, uma iniciativa relevante que reconhece a produção e protagonismo de mulheres nos quadrinhos é o movimento “Mina de HQ”, que mantém uma plataforma com um banco de quadrinistas, registrando e resgatando a memória de parte das produções femininas brasileiras. As obras presentes nesse banco contam com mais de 50 quadrinistas² de diferentes regiões do país e são exemplos significativos de como as epistemologias feministas são aplicadas na produção de quadrinhos, desafiando as convenções existentes e questionando as dinâmicas de poder presentes nas narrativas e representações de gênero.

Nesse contexto, dentro do banco de dados da plataforma Mina de HQ, foram identificadas as profissionais no âmbito dos quadrinhos brasileiros, incluindo quadrinistas, cartunistas, chargistas, ilustradoras e roteiristas. Estas são: Bruna Maciel (Baião), Grazi Fonseca, Júlia Bertoni (Sapatosca), Ana Scotuzzi, Raquel Teixeira (rateix), Magô Pool, Januaria, Helena Cunha, May Solimar, Paula Villar, Bruna Bandeira, Julia Hauser (Guti), Karina Pamplona (Karipola), Lua Mota (LittleGoat), Thais Kisuki, Júlia Quaresma, Lana Potiguara, Lino Arruda, Cora Ottoni, Lalo, Rayssa Molinari, Jéssica Groke, Diana Salu, Lila Cruz, Évorah, Manu Cunhas, Cátia Ana, Carol Ito, Maíra Colares, Flávia Borges (Breeze Spacegirl), Rhebeca Morais, Mayara Smith, Lavirnia Dantas, Luiza de Souza, Deborah Salles, Alice Pereira, Brendda Maria, Ana Paloma Silva, Annima de Mattos, Rebeca Prado, Clara Gomes, Luiza Lemos, Vitorelo, Heloize Rodrigues, Mariana Souza, Cecília Ramos, T.S.Carmo, Laura Athayde, Gabriela Masson (Lovelove6), Anna Mancini (Manzanna), Germana Viana, Amanda Miranda, Carol Borges, Bennê Oliveira, Cecilia Marins, Marília Marz, Gabriela Güllich, Ivana Amarante Bombana, Ellie Irineu, Verônica Berta, Aline Zouvi, Didi Mamushka, Sirlanney. Essas artistas desempenham papéis cruciais no cenário contemporâneo das histórias em quadrinhos, contribuindo de maneira

significativa para a diversidade e riqueza do meio, principalmente no ambiente digital.

Outro relevante repositório de informações no contexto brasileiro, que desempenha um papel fundamental na preservação e documentação da contribuição das mulheres no campo dos quadrinhos, é o Banco de Mulheres Quadrinistas (BAMQ) mantido pela *Lady's Comics*. Este banco de dados, cuja última atualização ocorreu em 2015, abriga registros de um total de 62 quadrinistas identificadas e catalogadas³. Essas artistas são: Maria Carolina Pereira Costa, Lorar Bianca Paiola Laurenti, Iris Cavassin Lopes, Pamela Marins, Camila Sousa dos Santos, Sheila Cruz Bastos, Carolina Ito Messias, Pamella Emília de Queiroz Araújo, Thais de Lima Gualberto, Gabriela Masson, Ana Luiza Goular Koehler, Daniela Beleze Karasawa, Suélem Becker Benitez, Ana Carolina Recalde Gomes, Talita Albuquerque Hayata, Joana Pereira de Miranda, Samanta Flôor, Cynthia Bonacossa da Rocha Neves, Aline de Castro Lemos, Priscila Vieira, Silvia Ferreira, Francisca Nzenze de Meireles, Ana Carolina Cunha, Anna Maria Giovannini, Renata de Camargo Barros Lazzarini, Simone Beatriz Soares, Joana Cristina de Santana Alves, Milena Larissa Varella de Azevedo, Thais Linhares, Ely Sena de Almeida, Gisela Pizzatto do Prado, Juliana Loyola, Etiene Pellizzari Spack, Renata Izabel de Freitas Nolasco, Júlia Helena Simões Moreira, Danielle Barros Silva Fortuna, Bárbara Cani, Cristina Eiko Yamamoto, Raphaela B. Felix, Bárbara Malagoli, Laura Ribeiro Araújo, Raquel Vitorelo, Germana Carvalho Viana, Marília Bruno, Débora Cristina Lima dos Santos, Mariana Petróvana Ferreira da Silva, Rebeca Prado, Ligia Mara Zanella Silveira, Hilde Weber Abramo, Cátia Ana Baldoino da Silva, Mariana Paraizo, Mariana Cagnin, Luciana Lopes Cafaggi, Camila Torrano, Fernanda Torquato Melendres, Marina Matos, Irene Castilla Rios, Bianca Pinheiro Cristaldi da Silva, Brendda Costa Lima, Fernanda Ferreira, Aline Cruz, Cristiane Duarte Peter.

Ao analisar a produção de quadrinistas e cartunistas indexada no banco de dados *Lady's Comics*, Crescêncio (2021, p. 6) observa que o "[...] feminismo tem lugar central na produção atual de mulheres cartunistas e quadrinistas, sendo claramente expresso nos conteúdos, temas e abordagens [...]".

Outras quadrinistas brasileiras de notoriedade no contexto contemporâneo, conforme indicado por Pires (2019), incluem Alexandra Moraes, Aline Lemos e Fabiane Langona. Estas artistas conquistaram reconhecimento ao ocupar posições de destaque em meios de comunicação amplamente circulados, como é o caso da Folha de S. Paulo, bem como em plataformas digitais, a exemplo do Uol, e em publicações impressas de renome, como a Piauí, MAD e Cultura. Além disso, é digno de nota que esse grupo artístico também se diferencia por sua

atuação independente, disponibilizando uma parcela substancial de suas criações por meio das redes sociais.

Com base no que foi evidenciado, é importante destacar que não existe uma única Epistemologia Feminista; elas se multiplicam conforme as diversas comunidades discursivas de mulheres que existem, formando uma perspectiva social e dinâmica. Os movimentos sociais das mulheres no contexto dos quadrinhos podem ser reconhecidos como produtores de conhecimento que se inserem nas Epistemologias Sociais Feministas. Esses movimentos desempenham um papel crítico ao questionar o papel do gênero nos processos normativos e ao buscar metodologias de produção de conhecimento que promovam a liberdade, envolvendo até mesmo campos como a Filosofia e a Arte.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a abordagem embasada nas epistemologias feministas oferece uma perspectiva valiosa para uma análise crítica da estrutura do conhecimento contido nas histórias em quadrinhos, permitindo uma problematização das representações de gênero e das dinâmicas de poder nelas presentes. Essa abordagem promove a criação de espaços que visam promover narrativas mais inclusivas e representativas das experiências femininas, ao mesmo tempo em que desafia as hierarquias estabelecidas. Ao adotar essa perspectiva, podemos avançar em direção a uma maior igualdade e diversidade no âmbito das histórias em quadrinhos, empoderando as vozes femininas e ampliando a compreensão e apreciação das múltiplas formas de conhecimento e experiência.

É fundamental compreender que a legitimidade cultural dos quadrinhos, assim como em qualquer outro campo, é permeada por valores que espelham o contexto sociocultural em que estão inseridos. É inegável que, em maior ou menor grau, problemas

relacionados ao machismo e ao sexismo permeiam o universo dos quadrinhos e afetam profundamente seus integrantes.

A Ciência da Informação e as humanidades em geral, tem um interesse intrínseco em promover ambientes mais diversificados e inclusivos nos campos do conhecimento. Isso implica reconhecer e enfrentar os desafios que envolvem questões de gênero, bem como desmistificar e combater estereótipos prejudiciais e preconceitos que afetam tanto a produção quanto a recepção de quadrinhos.

A pluralidade de vozes, temas e experiências é fundamental para enriquecer não apenas o campo dos quadrinhos, mas também as ciências em geral. É preciso que essas áreas reflitam a diversidade e complexidade da sociedade em que estão inseridas, de modo a representar de forma mais completa as diferentes perspectivas e realidades que compõem o cenário cultural contemporâneo. Portanto, as epistemologias feministas desempenham um papel crucial ao

destacar e abordar questões de gênero no contexto das produções de quadrinistas brasileiras, contribuindo para a construção de um conhecimento mais inclusivo e representativo.

Conclui-se que essas epistemologias feministas desempenham um papel fundamental na Ciência da Informação,

contribuindo para uma compreensão mais profunda e inclusiva da produção das quadrinistas brasileiras. Elas destacam a importância de considerar as perspectivas de gênero na análise das narrativas de quadrinhos e na promoção da igualdade no campo, enriquecendo assim o conhecimento produzido na área.

7 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Estendemos nossos agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (PPGCI-UNESP) pelo auxílio financeiro para a apresentação deste trabalho e ao grupo de pesquisa Fundamentos Teóricos da Informação (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2580>).

8 REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (2000) Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes.
- Brunet, P.; Davis, B. (2022). *Comic Book Women: Characters, Creators, and Culture in the Golden Age*. University of Texas Press.
- Chauí, M. (2000). *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática.
- Chenault, W. (2007). *Working the Margins: Women in the Comic Book Industry*. Thesis, Georgia State University.
- Crescêncio, C. L. (2021b). Feminismos e humor gráfico na web: uma reflexão sobre a produção contemporânea de mulheres no Brasil. XIV Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.
- Cocca, C. (2014). The ‘Broke Back Test’: a quantitative and qualitative analysis of portrayals of women in mainstream superhero comics, 1993–2013, *Journal of Graphic Novels and Comics*, 5(4), 411-428, DOI: 10.1080/21504857.2014.916327
- Crescêncio, C. L. (2018). As mulheres ou os silêncios do humor: uma análise da presença de mulheres no humor gráfico brasileiro (1968-2011). *Revista Ártemis*, 26 (1), p. 53–75. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2018v26n1.42094.
- Crescêncio, C. L. (2021a). “Pilulinhas Porretas” e feministas de Conceição Cahú nos jornais *Brasil Mulher* e *Nós Mulheres* (1976-1978). *Revista De La Red Intercatedras De Historia De América Latina Contemporánea*, (15), 154–179. Recuperado a partir de <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/RIH/ALC/article/view/35847>
- Foucault, M. (2013). *Vigiar e punir*. Leya.
- Fox, M. J. & Oslon, H. A. (2012). Feminist epistemologies and knowledge organization. In Hurli, L; Simiraglia (Ed.). *Culture Frames knowledge*. Wurzburg: Ergon Verlag, 79-98.
- Galvan, M. (2020). *Archiving Wimmen: Collectives, networks, and comix*. In

- Archives and New Modes of Feminist Research (pp. 22-40). Routledge.
- Goda & Kleinert, A. (2011). Enciclopédia dos quadrinhos. Porto Alegre: L&PM Editores.
- Inness S. A. (2004). Action chicks: new images of tough woman in popular culture. New York: Palgrave.
- Japiassu, H. & Marcondes, D. (2006). Dicionário básico de filosofia. Rio de Janeiro: Zahar.
- Martínez-Avila D. & Mello, M. R. G. (2022). Epistemologias, gênero e dogmatismo científico: desdobramentos na organização do conhecimento. *Logeion: filosofia da informação*, (9), 182-194. DOI: 10.21728/logcion.2022v9n1.p182-194.
- Munt, S. R., & Richards, R. (2020). Feminist Comics in an International Frame. *Feminist Encounters: A Journal of Critical Studies in Culture and Politics*, 4(1). <https://doi.org/10.20897/femenc/7905>
- Nogueira, N. A. S. (2017, julho 24–28). Pagu: política e pioneirismo nas histórias em quadrinhos nos anos de 1930 [Seção de conferência]. XXIX Simpósio Nacional de História, Universidade de Brasília, Brasil. https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502671728_ARQUIVO_PAGU_ANPUH_CORRIGIDO.pdf
- Pavarina, E. C. (No prelo). Histórias em quadrinhos e ciência da informação: uma análise da comunidade discursiva. *AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento*.
- Pires, M. C. F. (2019). Outras mulheres, outras condutas: feminismos e humor gráfico nos quadrinhos produzidos por mulheres. *Artcultura: Revista de História, Cultura e Arte*, 21 (39), 71-87.
- Schodt, F. L. (1983). *Manga! Manga! The World of Japanese Comics*. Nova York: Kodansha.
- Swales, J. M. (1990) *Genre analysis English in Academic and Research Settings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Turberville, T. (2016). The Female Justice League: The Misrepresentations of Women in Comic Books. *Stylus Knights Write Showcase Special Issue*, p. 71-82.
- Vergueiro, W. C. S. (2005). Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. *DataGramZero*, 6(2). <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5643>.

9 NOTAS

¹ Ao analisar a enciclopédia, foram identificados os seguintes nomes de artistas/quadrinistas brasileiras: Erica Awano (1978), Chiquinha (1984), Ciça, Dadi, Edna Lopes (1962), Maria Aparecida Godoy (1945), Neide Harue (1956), Julia Bax (1981), Laerte (1951), Claudia Levay, Mariza (1952), Adriana Melo (1976), Pagu (1910-1952).

² Para mais informações, bem como conhecer as produções destas artistas, acesse: <https://minadehq.com.br/>.

³ É possível obter mais informações em: <http://ladyscomics.com.br/>.